

Uma longa sessão de 7 horas

Em sete horas de sessão, 14 parlamentares inscreveram-se para falar sobre o assunto. Durante a discussão, os senadores Casildo Maldaner (PMDB-SC), Nabor Bulhões (PMDB-AC), Ney Suassuna (PMDB-PB), Amir Lando (PMDB-RO) e Lúcio Alcântara (PSDB-CE) disseram apoiar o relatório, porém, com a ressalva de que não deveria ser incluída a penalidade, no caso a cassação.

Argumento defendido pelos principais aliados de ACM e Arruda. Já Campos fez um discurso confuso e dúbio, atacando a condenação dos dois acusados, mas defendendo a punição, sem dizer qual seria a ideal.

Mas, na hora de votar, a reação de todos eles foi completamente diferente: apoiaram integralmente o parecer de Braga, virando o placar estimado. Eles contrariaram, assim, as expectativas da tropa de choque baiana, que contava em obter até nove votos.

Constrangidos, os peemedebistas eram os mais desconfortáveis no Conselho de Ética. Demonstrando irritação e impaciência, Nabor Bulhões não queria sequer conversar com os jornalistas: "Não me perguntam nada, não posso falar." Amir Lando punha e

tirava os óculos escuros e lia nervosamente o texto que falaria.

Depois de Arruda, Braga foi o primeiro a falar e rebateu a tese do senador do Distrito Federal e dos demais aliados de que não deveria ter indicado a pena no parecer. Segundo ele, seria impossível avaliar o caso sem fazer recomendações. Sem conter os ânimos, atacou as contradições nos depoimentos dos dois senadores, condenou o fato de terem mentido e afirmou que os atos dele são previstos na quebra de decoro, portanto, cassação.

"Não há como esquecer a mentira repetida no plenário. O que pode ser enquadrado mais em quebra de decoro do que a mentira repetida diante de seus pares?", indagou ele.

Ao fim da sessão, Braga respirava aliviado e dizia que o dever estava cumprido. Tebet recusou-se a admitir que possa haver qualquer tipo de acordo no Senado ou no PMDB para salvar ACM e Arruda. O líder do Bloco Oposição, José Eduardo Dutra (PT-SE), admitiu que possa estar havendo alguma tentativa neste sentido. "Agora, depositamos todas as nossas fichas na Mesa", comentou o líder do PFL, Hugo Napoleão.(A. E.)